REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

O FAZIMENTO DE SI EM REDAÇÕES DO ENEM: POR UMA ANTROPOLOGIA DA ENUNCIAÇÃO

THE MAKING OF THE SELF IN ENEM ESSAYS: TOWARDS AN ANTHROPOLOGY OF ENUNCIATION

LA CONSTRUCCIÓN DEL YO EN LOS ENSAYOS DE ENEM: HACIA UNA ANTROPOLOGÍA DE LA ENUNCIACIÓN

Vlader Nobre Leite
Mestre em Literatura
Universidade de Pernambuco -UPE, Brasil
vladernobreleite@gmail.com

Genivaldo do Nascimento
Doutor em Ciências da Linguagem
Universidade de Pernambuco-UPE-Brasil
gnascimento26@yahoo.com.br

Brenda Mércia do Nascimento Lima
Bacharelanda em Jornalismo
Uninter, Brasil
brendamercia17@gmail.com

Resumo
Este artigo é fruto de leituras sobre a Teoria da Enunciação proposta pelo linguista francês Emile Benveniste. A partir dos conceitos de linguagem, língua, enunciação, categorias do “eu” e do “tu”, subjetividade e significação, possibilita-se pensar em uma antropologia da enunciação e, consequentemente, a compreensão de que o enunciador é um etnógrafo de si mesmo. O objetivo central desta pesquisa é compreender como se dá o fenômeno da significação em redações nota mil do ENEM, como marcas de uma subjetividade inerente à própria produção textual. Para tanto, foram analisadas redações das edições mais recentes desse exame, com foco, especialmente, na mobilização do repertório sociocultural para construção da argumentação nesses textos. Como fundamentação teórica, este trabalho recorre, principalmente, Benveniste (2005), FLORES (2019), Barbisan (2023) e Hyland (2005). Espera-se que este estudo contribua para o entendimento de que, na produção das redações nota mil do ENEM, há enunciados que são decorrentes de um processo complexo de significação e interpretância, fazendo com que cada texto materialize a apropriação da língua pelo sujeito enunciador.
Palavras-chave: Benveniste; Antropologia; Enunciação; Subjetividade; Redação; Enem.

Abstract

This article is the result of readings on the Theory of Enunciation proposed by the French linguist Emile Benveniste. Based on the concepts of language, tongue, enunciation, categories of "I" and "you," subjectivity, and signification, it is possible to think about an anthropology of enunciation and, consequently, the understanding that the enunciator is an ethnographer of himself. The central objective of this research is to understand how the phenomenon of signification occurs in essays that received a perfect score on the ENEM exam, as marks of a subjectivity inherent in the textual production itself. To this end, essays from the most recent editions of this exam were analyzed, focusing especially on the mobilization of sociocultural repertoire for the construction of argumentation in these texts. As a theoretical foundation, this work mainly draws on Benveniste (2005), Flores (2019), Barbisan (2023), and Hyland (2005). This study is expected to contribute

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

to the understanding that, in the production of the top-scoring essays on the ENEM exam, there are statements that result from a complex process of meaning-making and interpretation, causing each text to materialize the appropriation of language by the enunciating subject.

Keywords: Benveniste; Anthropology; Enunciation; Subjectivity; Essay; ENEM.

Resumen

Este artículo surge de la lectura de la Teoría de la Enunciación propuesta por el lingüista francés Émile Benveniste. Partiendo de los conceptos de lenguaje, lengua, enunciación, las categorías de "yo" y "tú", la subjetividad y la significación, es posible plantear una antropología de la enunciación y, por consiguiente, la comprensión de que el enunciador es un etnógrafo de sí mismo. El objetivo central de esta investigación es comprender cómo se manifiesta el fenómeno de la significación en los ensayos que obtuvieron la máxima calificación en el examen ENEM, como indicadores de una subjetividad inherente a la propia producción textual. Para ello, se analizaron ensayos de las ediciones más recientes de este examen, centrándose especialmente en la movilización del repertorio sociocultural para la construcción de la argumentación en estos textos. Como fundamento teórico, este trabajo se basa principalmente en Benveniste (2005), Flores (2019), Barbisan (2023) y Hyland (2005). Se espera que este estudio contribuya a la comprensión de que, en la producción de los ensayos con mejores calificaciones en el examen ENEM, existen enunciados que resultan de un complejo proceso de construcción de significado e interpretación, lo que hace que cada texto materialice la apropiación del lenguaje por parte del sujeto enunciador.

Palabras clave: Benveniste; Antropología; Enunciación; Subjetividad; Ensayo; ENEM.

1. INTRODUÇÃO

“Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?” (Lispector, 1998, p.22). Assim a escritora Clarice Lispector, no início da obra “A Hora da Estrela”, verbaliza algo profundo e complexo sobre a natureza da escrita, como processo de significação e subjetivação de quem se dedica ao ato da escrita. Começar um artigo científico, uma redação escolar, uma resenha crítica, em tese, parece simples: é só começar pelo começo, que seria a introdução (intro – dentro; ducção – conduzir). Mas a questão central nesse processo é a seguinte: ao romper o silêncio (ou a página em branco), e falar/escrever, o que acontece? Como se dá esse processo, no qual o sujeito se torna presente na língua? Essa é a inquietação central estruturante da Teoria da Enunciação proposta por Émile Benveniste, importante linguista francês que, ao estudar a linguagem humana, trouxe inúmeras contribuições para os estudos linguísticos, especialmente após a década de 70.

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

Partindo dessa reflexão inicial, imagina-se o quão desafiador é, para os estudantes do Ensino Médio, a submissão à prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como requisito para o ingresso no Ensino Superior. E por quê? Porque, no processo de escrita do gênero dissertativo-argumentativo (exigido no Exame), o sujeito da escrita interpretará uma proposta de redação e redigirá um texto a partir de um tema específico. Isso quer dizer que essas habilidades cognitivas são singulares de cada sujeito, como parte da significação do mundo. Logo, cada redator do texto para o ENEM participa de uma situação real da comunicação, utilizando estratégias linguísticas, não só para dizer, mas para se constituírem enquanto sujeitos desse dizer. Essa subjetivação (o sujeito na língua) é o que fará com que cada texto escrito seja único em sua constituição. Isso é desafiador porque cada estudante quer o reconhecimento de sua identidade enquanto ser da linguagem, mas, ao mesmo tempo, precisa cumprir exigências formais e textuais (linguísticas e discursivas) em razão da natureza da avaliação.

Para ilustrar isso, sabe-se que, anualmente, milhões de jovens se inscrevem no ENEM, tendo a avaliação distribuída em 2 dias, sendo assim organizada: primeiro dia – prova de produção textual (redação), prova de linguagens e suas tecnologias (45 questões) e prova de ciências humanas e suas tecnologias (45 questões); segundo dia – prova de matemática e suas tecnologias (45 questões) e prova de ciências da natureza e suas tecnologias (45 questões). Percebe-se, com isso, que a nota final de cada estudante é assim composta: 20% - redação; 20% - linguagens; 20% - ciências humanas; 20% - matemática; e 20% - ciências da natureza. Do exposto, é fácil concluir o quanto um bom desempenho na prova de redação é fundamental para uma aprovação.

Assim, pensar na produção do texto para atender às exigências do sistema de correção do ENEM faz revelar, no próprio texto, a subjetividade de quem escreve. Leituras realizadas (filmes, livros, hqs, mangás, documentários, pinturas, músicas, conceitos, contexto histórico, entre outras) são exemplos de “coisas que acontecem antes de acontecer”. Ou seja, antes do processo de escrita, há um sujeito constituído histórica, ideológica, política, discursiva, estética e culturalmente. O texto, portanto, é, linguisticamente, “resultado” de um

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

processo formador do sujeito na sociedade, fazendo-se e se constituindo, em razão da natureza dialógica da linguagem. Quando cada estudante (identidade do “eu”) mobiliza seu saber constituído, ao longo do seu processo de educação (formal ou não), em sua escrita (dizer), realiza tal ato na direção de um outro sujeito (leitor genérico ou o corretor do ENEM), constituindo-se como um outro (identidade do “tu”).

Nessa direção reflexiva, a questão-problema desse estudo foi a seguinte: quais estratégias linguísticas os estudantes autores de redações nota mil no ENEM utilizaram em suas produções textuais capazes de revelarem e enunciarem a si mesmos, constituindo-se enquanto subjetividade?

Para ajudar a elucidar esta questão, este estudo centra-se nos ensinamentos do já citado linguista Émile Benveniste, especialmente por permitir, em sua Teoria da Enunciação, a compreensão de que é possível pensar em uma Antropologia da Enunciação, uma vez que não há linguagem nem língua sem a existência de sujeitos da/na/pela linguagem e língua.O objetivo dessa pesquisa foi analisar, na enunciação, se é possível perceber a manifestação de um sujeito na língua, escrevendo, falando, interpretando, dizendo, em situações materiais da comunicação, em um continuum “fazimento de si”, para usar a expressão do saudoso Darcy Ribeiro (1995, p.27). Esse “fazimento de si” traz a noção do sujeito como um etnógrafo de si.

Nesse sentido, de maneira organizacional, este artigo assim se apresenta: na seção “Por uma Antropologia da Enunciação”, são trazidos à tona conceitos fundamentais para a compreensão teórica da Teoria da Enunciação de Benveniste, especialmente a questão central sobre linguagem e sociedade, a dimensão dialógica da linguagem humana, as categorias “eu” e “tu” e, finalmente, as considerações sobre uma antropologia da enunciação (um etnógrafo de si); na seção propriamente da análise, intitulada “O fazimento de si: subjetividade e enunciação em Redações Nota Mil do Enem”, foram analisados trechos de redações que atingiram a nota máxima no exame, dando ênfase nas estratégias linguísticas mobilizadas por cada autor, constituindo-se como sujeitos (subjetivação e identidade), nas posições sociais, linguísticas e discursivas de um “eu enunciador” (autor da redação) para um “tu enunciatário”, sendo a

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

redação “o enunciado”, sendo a enunciação a colocação da língua em funcionamento por meio de um ato individual de uso.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/REVISÃO DA LITERATURA

2.1. SIGNIFICAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO

Pensar que o homem está presente na linguagem e na língua, é reconhecer a possibilidade de pensar em uma antropologia da enunciação, sendo esta um ato individual de uso da língua, resultante da relação das categorias “eu” e tu”. Nesse sentido, a possibilidade de significar é próprio do sujeito, que organiza seu discurso comunicando-se com o outro, fazendo desse ato parte do processo de interação (socialização). Percebe-se, então, que a enunciação é compreendida como um processo no qual o sujeito mobiliza a língua para interagir com o outro. A pergunta inquietante do linguista Benveniste que originou seus estudos foi a seguinte: como se dá o processo da língua para a fala? A partir dessa questão, reconhece-se que

> A enunciação é vista como um processo, um ato pelo qual o locutor mobiliza a língua por sua própria conta. É o ato de apropriação da língua que introduz aquele que fala na sua fala. O produto desse ato é o enunciado, cujas características linguísticas são determinadas pelas relações que se estabelecem entre o locutor e a língua. Assim, a enunciação é o fato do locutor, que se apropria da língua, e das características linguísticas dessa relação. A enunciação converte a língua em discurso pelo emprego que o locutor faz dela. Desse modo, a língua se semantiza (Barbisan, 2023, p.28)

Esse “ato de apropriação da língua” (um ato de dizer) cria um dito (enunciado). Nesse processo, sendo a enunciação uma mediação entre língua e fala, se constituem um “eu” e um “tu”, em um aqui (lugar) no agora (tempo). Posto isso, a constituição de si (eu enunciador) é o que promove a subjetivação (o sujeito enquanto “eu”), quando este faz uso da palavra, se constituindo como pessoa que fiz: “ego – hic – nunc” (eu-aqui-agora). A enunciação, é, portanto, a instância em que um “eu” enuncia (ato subjetivo), em um “aqui” e em um “agora”.

Para Benveniste, a significância funciona como um operador de um modo de ser e de pensar. Isso porque, partindo de uma perspectiva geral, o homem está inserido na linguagem, pois se realiza nela, por ela, e com ela; e, de modo mais específico, o homem mobiliza a língua para dizer. Ao experimentar a língua, circunscrita em uma relação social e discursiva, o sujeito realiza a significância:

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

"propriedade de significar" (Benveniste, 1989, p.52). Se é possível pensar em "uma experiência humana inscrita na língua" (Benveniste, 1989, p.80), é porque existe um sujeito inscrito em um contexto, revelando, assim, a noção de tempo (temporalidade). Para este linguista, a noção de "sujeito" se constitui linguisticamente como "pessoa", marcada, portanto, em categorias linguísticas como pronomes pessoais e dêiticos: "a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como *eu*" (Benveniste, 1988, p.288).

2.2. UM ETNÓGRAFO DE SI

Como consequência da pressuposição de que não é possível pensar o humano sem estar inserido na linguagem, resultando numa antropologia da enunciação, ampliando o sentido estrito da linguística para pensá-la relacionada à antropologia, à sociologia, à política, à história, à psicanálise, enfim, pensá-la de modo transdisciplinar, Benveniste considera a língua como uma interpretante de se mesmo: "a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma" (Benveniste, 1989, p. 62).

Ou seja, ao mobilizar recursos linguísticos para compreender e interpretar os fenômenos sociais e simbólicos, é possível, em um movimento metalinguístico, que a língua volte-se para si mesma, sendo, portanto, uma interpretante de si, podendo "interpretar todos os sistemas, inclusive a si mesma" (Flores, 2023, p.91). E como isso se dá? Ora, a partir da atitude do falante: "o falante, ao falar da face significante da língua, produz uma interpretação, uma espécie de tradução" (Flores, 2023, p.91). Nas reflexões desse referido teórico, o locutor pensa a língua, contornando-se:

> O falante, ao *contornar* semanticamente a materialidade da língua, explicita um saber, o seu saber, acerca dela. Esse saber cumpre uma função quase etnográfica na economia – no arranjo ou modo de funcionar de diversos elementos de um conjunto maior – do uso da língua. (...) o falante, ao falar da materialidade da língua, é um etnógrafo da própria língua. Essa etnografia é parte de sua inscrição na ordem simbólica que é a cultura. (Flores, 2023, p.91).

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

Pensando esse fenômeno nas redações do ENEM, é possível entender que, no processo da escrita, ao se dirigir a um corretor, como também sujeito de significância, o locutor organiza formal, linguística, ética, e metalinguisticamente seu texto, em defesa do ponto de vista apresentado ao longo do texto, realizando, evidentemente, essa etnografia, inscrita na língua, contornando-a para dizer, no processo de interação em que o texto é esse espaço de encontro entre essas subjetividades: autor-estudante-candidato e leitor-professor-corretor.

Acrescenta-se nessa seção, à guisa de esclarecimento, o conceito de metadiscurso proposto por Hyland (2005). Considerando que os gêneros textuais são indissociáveis de contextos sociais específicos, o sujeito (autor) organiza retoricamente seu dizer na direção de um outro sujeito (leitor). Ao fazê-lo, vincula seu texto às realidades sociais, aos anseios dos demais sujeitos, aos valores políticos e ideológicos, ou seja, pelos gêneros, todos agem socialmente. Há, nesse sentido uma consciência, no processo de escrita, da existência de leitores. Nesse processo interacional, constroem-se mecanismos linguísticos e organizacionais, engajando-se na experiência de significação do mundo.

No contexto da Redação do ENEM, reconhece-se autor da redação o candidato que vai realizar o exame, e leitor o corretor. Assim, a redação será produzida em um contexto social de regulação da produção de escrita, pois está associada a um sistema de correção para o ingresso no ensino superior. Essa consciência sobre a própria escrita leva o candidato a organizar o seu texto para atingir esse fim. Essa atitude do autor é nomeada por Hyland (2005) como metadiscurso, sugerindo “caminhos” ou “pistas” ao longo do texto, evidenciando a marca de uma subjetividade. Segundo o autor, “metadiscurso é um termo que engloba as expressões autorreflexivas usadas para negociar significados interacionais em um texto, auxiliando o escritor (ou falante) a expressar um ponto de vista e se envolver com os leitores como membros de uma determinada comunidade” (2005, p.27).

Essas expressões ajudam a construir as estratégias argumentativos na direção da defesa de um ponto de vista. Nesse sentido, as categorias de posicionamento e de engajamento são fundamentais para a análise dos

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

mecanismos metadiscursivos nas redações nota mil. Esse processo ajuda a comprender como se constrói o próprio gênero, uma vez que a organização textual, os aspectos formais, linguísticos estão a serviço da argumentação (dimensão opinativa do texto dissertativo-argumentativo).

Um exemplo disso é a questão dos Direitos Humanos como um critério de atribuição da nota zero na Competência V da redação do ENEM. Ao saber, antes do processo de escrita, que é fundamental primar pelo respeito às diferenças, tendo a cidadania e a dignidade da pessoa humana como pilares civilizatórios, o autor da redação cria estratégias de autoregulação da escrita, pois sabe que não pode defender ideias desumanas, como discurso do ódio, propagação da violência, xenofobia, transfobia, misoginia, maxismo, racismo, enfim. Esse monitoramento é fruto da consciência da existência de uma vida em sociedade, logo, é uma tomada de consciência que aponta para um contexto social que tem os valores democráticos como fundamentais ao exercício da cidadania.

Considerando a noção de gêneros textuais como um evento sociocomunicativo, para além do componente macroestrutual, como sugerem os estudos de Swales (1990), Bhatia (1993), Miller (1984), Hyland (2005), deve-se compreendê-los como um agir social, histórico e cultural. Logo, como bem sugere Marcuschi (2006), a escrita é fruto da interação social, só sendo possível em razão da existência de textos que circulam socialmente.

Para Swales (1990), os gêneros desempenham atividade sociorretórica, compreendidoscomo “eventos comunicativos”, uma vez que assumem um “propósito comunicativo”, sendo, pois, a base para as tomadas de decisões no discurso. Nessa compreensão,

> Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham algum conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a justificativa para o gênero. Essa lógica molda a estruturaesquemática do discurso e influencia e restringe a escolha de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado e que opera para manter o escopo deum gênero aqui concebido estritamente focado em ação retórica comparável. Além

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

> do propósito, exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termosde estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se todas as expectativas de alta probabilidade forem realizadas, o exemplar será visto como prototípico pela comunidade discursiva principal. Os nomes de gênero herdados e produzidos por comunidades discursivas e importados por outros constituem uma comunicação etnográfica valiosa, mas geralmente precisam de validação adicional (SWALES, 1990,p. 58 – tradução livre).

Nessa lógica, para o reconhecimento de um gênero, leva-se em conta a prototipicidade,ou seja, as características recorrentes de um dado gênero (como se estrutura, como é classificado, como é recebido, como circula). Aplicando isso às redações do ENEM: o gênero dissertativo-argumentativo é classificado e reconhecido na comunidade discursiva escolar como prática social, com o propósito de produzir um texto que atenda às expectativas do professor e da banca examinadora do concurso. Assim, para além de um fenômeno formal e linguístico, o gênero assume uma função sociorretórica.

Sobre isso, Bhatia (1997) aponta para dois aspectos fundamentais: os gêneros textuais são resultado de negociações sociais, como decorrentes da formação discursiva; e a produção dos gêneros textuais passa pelo controle social das práticas discursivas. Nesse sentido, entendeo autor que, em razão do caráter dinâmico, o gênero tende a uma manutenção de sua integralidade, bem como movimenta-se para uma renovação.

2.3.AUTORIA: UM (IM)POSSÍVEL CONCEITO

Em todas as suas edições (de 1998 a 2021, considerando provas de 1ª aplicação e 2ª aplicação), a proposta de redação elegeu o modelo dissertativo-argumentativo, conferindo ao ensino da leitura/escrita e às práticas de produção textual um caráter mecânico, técnico, metalinguístico, impactando na formação cidadã dos educandos, silenciando elementos intrínsecos às suas subjetividades, como a noção de ser autor do texto, ser produtor de um texto, como evento comunicativo fundamental ao processo de interação, ao ser no mundo e estar com o mundo.

Compreendendo-se isso, questiona-se o caráter regratório e limitador dos componentes avaliativos da prova de redação do ENEM. Textos ensinados como

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

“modelos ideais” a serem avaliados, como prática pedagógica, primeiro no ambiente escolar, para, em seguida, atenderem às exigências da banca examinadora do ENEM. Essa prática, amplamente difundida atualmente, engessa o processo de produção e circulação de textos e interfere nas subjetividades dos educandos.

> Nesse sentido, o professor deve propor a análise comparativa de diversos gêneros, levando os alunos a compreenderem a intenção discursiva, o estilo de linguagem, a situação em que ocorrem, entre outros aspectos que os definem. [...] O uso – e o abuso – de uma determinada informação ou de uma dada estrutura formal pode tornar o que já foi original um clichê, isto é, uma estrutura cristalizada, pronta, na qual se torna difícil encontrar a marca singular e pessoal de quem escreve: a autoria. As transformações históricas que se inscrevem na linguagem, e das quais ela também é agenciadora, em uma relação dialética, fazem com que os valores atribuídos ao que se compreende como marcas de autoria também se transformem. (Mata, 2017, p. 96).

Perceber, no universo subjetivo idiossincrático dos sujeitos educandos, a produção de um único modo (molde) de dizer (redigir) um texto, sem consideras as diversas estratégias de enunciação que cada sujeito/escritor pode eleger para comunicar-se, e, assim, posicionar-se enquanto sujeito que pensa, sente, concreta ou abstratamente, o mundo, é, no mínimo, intrigante, o que reforça a “burocratização” de práticas de ensino de leitura e de escrita: “trata-se do letramento escolar, uma prática burocratizada da leitura e da escrita , processo e produção da escolarização” (Rojo, 2010, p.42).

Essas práticas escolares, impactadas pelas mudanças advindas a realização anual do ENEM, orientam o ensino seguinte sentido: desenvolver nos alunos habilidades e competências para regidir um texto dissertativo-argumentativo aos moldes da grade específica dos corretores. Perde-se, com isso, não só o caráter dinâmico, espontâneo, crítico e social que, por si, a sala de aula promove, mas também (e esse é nosso norte) o caráter acrítico, repetitivo, mecânico e pouco criativo materializado nos textos dos estudantes. Basicamente, é um ciclo, com a seguinte dinâmica: mudanças no sistema avaliativo da educação básica provocam mudanças nas práticas pedagógicas dos docentes, que, por sua vez, transformam/moldam o aprendiz. Nessa direção, o pensamento de Kleiman (1995, p.59) lança luz a essa questão:

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

> Durante o processo de aquisição da palavra escrita e em função das práticas analíticas para falar sobre os textos que a escola privilegia, essas crianças perdiam sua espontaneidade e criatividade. Parece importante pensar em estratégias de ensino que não favoreçam a mera recuperação de informações para as professoras não acabarem perdendo sua espontaneidade, num processo homogeneizador que é imitação pobre de práticas culturais de letramento legitimadas (pois estas não se reduzem a falar daquilo que é de todos sabido) e que resulta muitas vezes apenas numa fala mais previsível e menos expressiva.

Ao lançar esse olhar para as transformações no ensino/aprendizagem da produção textual decorrentes da implantação do ENEM, faz-se compreender o papel das políticas públicas na dinâmica socio-política nacional, tendo o Estado como o papel de, por meio dos corretores aprovados pel INEP, avaliar os educandos, para, a partir disso, estabelcer estratégias educacionais no sentido de incluir/excluir os sujeitos. Assim, com a consolidação do ENEM, o Estado cria "mecanismos de controle e responsabilização mais sofisticados. A avaliação aparece assim como um pré-requisito para que seja possível a implementação desses mecanismos." (Afonso, 1998, p.15).

Há um conceito bastante controverso e polêmico utilizado pelo INEP nos textos noteadores do processo de correção da redação: autoria. Eis o que se diz no Manual do Estudante: "Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto,de forma consistente e organizada, configurando **autoria**, em defesa de um ponto de vista." (2019, grifo nosso, p.7)

Para Foucault, só é possível falar em autor a partir da existência da obra, pois é nesta que aquele se revela como "ser da razão". O sentido de identificar o ser por trás do texto deu-se especialmente para exercer sobre o sujeito algum mecanismo de controle (censura) e/ou de prestígio sociail. Assim, o autor é revelado em razão do texto circulado socialmente (numa perspectiva discursiva): "o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos em aparência" (Foucault, 2002, p. 34). Posto isso, entende-se que a função-autor é um fenômeno intrínseco a uma subjetividade, a uma singularidade, operando como um modo de ser – circulação e funcionamento – dos mais diversos discursos nos diferentes modos organizacionais da sociedade.

Barthes, por sua vez, inquieta-se sobre essa voz que escreve. Para ele, "o autor é um personagem moderno" (1984, p.49). Isso porque a compreensão

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

da obra está intimamente relacionada à produção, considerando, assim, o autor como um “ser da linguagem”. Há, desse modo, a compreensão do ser enquanto enunciação:

> o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que o seu texto; não está de modo algum provido de um ser que precederia ou excederia a sua escrita, não é de modo algum o sujeito de que o seu livro seria o predicado; não existe outro tempo para além do da enunciação, e, todo o texto é escrito eternamente aqui e agora. (BARTHES, 1984, p.51).

Possenti, a seu modo, reflete sobre aspectos da subjetividade e de como isso é problemático para ser avaliado (lido). Nesse sentido, traz o conceito de “indícios de autoria”, buscando, objetivamente, identidicar a presença do autor, por meio de “indícios” (marcas), em uma enunciação que dá “voz a outras vozes”:

> há indícios de autoria quando diversos recursos da língua são agenciados mais ou menos pessoalmente - o que poderia dar a entender que se trata de um saber pessoal posto a funcionar segundo um critério de gosto. Mas, simultaneamente, o apelo a tais recursos só produz efeitos de autoria quando agenciados a partir de condicionamentos históricos, pois só então fazem sentido. (Possenti, 1988, p. 121).

A partir dessas concepções sobre autoria, reconhece-se a importância de problematizar esse conceito, utilizado especialmente no Módulo 5 dos Avaliadores do INEP, uma vez que relaciona autoria à noção de projeto de texto, compreendendo como texto autoral aquele que é capaz de organizar estruturalmente um texto na defesa de um ponto de vista. Curioso pensar que, enquanto autoria está associada à linguagem, a questões discursivas, à singularidade do sujeito, em razão da necessidade de objetivamente avaliar – pois as redações do ENEM são avaliadas em larga escala, chegando a mais de 7 milhões de participanes -, os textos autorais são considerados aqueles que apresentam autossuficiência, ou seja, um texto bem planejado e executado.

Defende-se, neste estudo, que esse (im)possível conceito de “autoria” pode ser compreendido a partir da Teoria da Enunciação de Benveniste, pois é a partir dela que se pode conceber a subjetivação. Mesmo não podendo utilizar marcar pessoais na redação enem (“eu penso”, “eu defendo”), há estratégias escolhidas pelo locutor capazes de evidenciar a existência de um autor (sujeito),

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

que pensa e compreende o mundo a seu modo, mediado pelo mundo e pelas relações sociais.

> Portanto, a enunciação caracteriza-se pela *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, o que desvela o potencial da teoria enunciativa benvenistiana como referencial teórico para o ensino de língua materna, uma vez que reitera a necessidade de se considerar a escrita, a leitura, a fala e a escuta em sala de aula como atos enunciativos, que implicam professor e aluno como locutores que se apropriam da língua e se enunciam como sujeitos a cada vez que escrevem, leem, falam e ouvem uns *aos* outros e uns *para* os outros. (Oliveira, 2023, p.39)

Desse modo, o ser humano vai se fazendo subjetivamente no processo de apropriação da língua e nas estratégias de mobilização da língua na interação social. Posto isso, é preferível tratar a "autoria" como marcas subjetivas singulares materializadas nas situações concretas de comunicação (enunciado); posicionamento, juízo de valor, escolha vocabular, organização textual, interpretação dos fenômenos, enfim.

2.4. REPERTÓRIO SOCIOPRODUTIVO: SABER O MUNDO

Reconhece-se que as práticas de escrita relacionam-se a experiências decorrentes de práticas de letramento, uma vez que a sociedade ocidental é grafocêntrica, tendo a escrita como uma sofisticada tecnologia. Nos dizeres de Pierre Levy, "toda nova tecnologia cria seus excluídos" (LEVY, 1999, p.34). Entende-se, a partir disso, o ENEM opera como uma agência de letramento, uma vez que se consolidou como uma política pública educacional de acesso ao Ensino Superior. Assim, praticar a escrita é fazer parte desse mundo que possibilita, a partir dela, a transformação social e a mobilidade social.

Como critério avaliativo presente na Grade de Correção da Redação, presente na Competência II, são considerados três aspetos: TEMA - o candidato precisa se limitar ao tema proposto, trazendo a abordagem completa (assunto + foco espacial + foco temporal + foco argumentativo); TIPO TEXTUAL - o candidato precisa se limitar à estrutura textual dissertativo-argumentativa (introdução + desenvolvimento + conclusão) e recorrer a fatos, dados, informações e opiniões para a defesa do ponto de vista (TESE); REPERTÓRIO - o candidato precisa dialogar com outras áreas do conhecimento, recorrendo, por exemplo, a alusões históricas, a estudos e

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

pesquisas (IBGE, PNAD, etc), a conceitos, a filmes, a livros, a documentários, entre outros.

Já no que diz respeito ao repertório, sua ausência não é penalizada com a nota zero, mas há um prejuízo considerável na nota, uma vez que espera-se que o repertório seja LEGITIMADO (validade pelas áreas do conhecimento), PERTINENTE (relacionado à temática) e PRODUTIVO (mobilizado em favor do ponto de vista defendido, produzindo efeito argumentativo). A seguir, as orientações conceituais contidas no material de capacitação dos corretores do Enem, para orientar o processo de correção:

> Elemento importante para a redação do Enem e requisito fundamental para que o participante atinja as notas mais altas na Competência II, o repertório sociocultural configura-se como toda e qualquer informação, fato, citação ou experiência vivida que, de alguma forma, contribui como argumento para a discussão proposta pelo participante. (Brasil, 2019, p. 10).

Compreende-se que esse "repertório" constitui-se como um saber (conhecimento) adquirido ao longo da formação integral do locutor (sujeito), seja no processo de escolarização, seja no sentido amplo de educação, permitindo significar o mundo e estabelecer relações de sentido: pensar o mundo, a si mesmo e ao outro. Logo, a mobilização desse saber é um ato individual de significância, consolidando-se a subjetividade.

São aceitos como repertório legitimado informações, citações, fatos históricos, referências a leis, a filmes, a livros, a obras de arte, que se estabeleceram, ao longo do processo civilizatório, como saber socialmente aceito e cientificamente válido:

> Serão considerados repertórios legitimados por essas Áreas: - conceitos e suas definições; - informações, citações ou fatos e/ou referências a Áreas do Conhecimento, tais como: • fatos ou períodos históricos reconhecidos; • referência a nomes de autores, filósofos, poetas, livros, obras, peças, filmes, esculturas, músicas etc.; • referência a Áreas do Conhecimento e/ou seus profissionais, como Sociologia/ sociólogos, Filosofia/filósofos, Literatura/escritores/poetas/autores, Educação/educadores, Medicina/médicos, Linguística/linguistas etc.; • referência a estudos e/ou pesquisas; • referência a personalidades, celebridades, figuras, personagens etc., desde que conhecidos; • referência aos meios de comunicação conhecidos, como redes sociais, mídia, jornais (O Globo, Revista Veja, Rede Globo, Folha de S. Paulo Diário do Nordeste, A Crítica, Diário de Cuiabá e Zero Hora etc.) (Brasil, 2019, p. 10).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

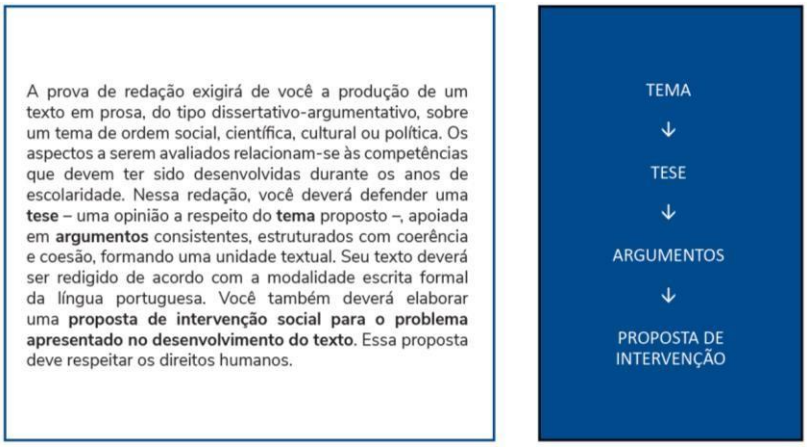
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

Esses aspectos objetos de avaliação no ENEM reforçam o desenvolvimento de competências (saber) e habilidades (saber fazer) na produção do texto escrito. Sabendo disso, entende-se que cada autor da redação vai mobilizar estratégias muito particulares na construção de sua argumentação. Embora haja um modelo a seguir e regras a cumprir, cada sujeito, interpretante da língua e consciente das situações de produção do texto, significará individualmente na interpretação do tema e na elaboração de sua argumentação.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Em toda edição do ENEM, é lançada a Cartilha do Participante, dirigida aos candidatos que irão realizar o referido exame. Nela, há orientações gerais par auxiliar no processo de escrita, deste a estrutura básica da redação (introdução, desenvolvimento e conclusão), até exemplos de redações nota mil para que os estudantes possam compreender melhor o processo de correção e, assim, construir estratégias linguísticas para atingir uma boa nota. Exige-se dos candidatos que realizam a redação do ENEM que elessejam capazes de mobilizar os conhecimentos aprendidos ao longo de sua vida escolar para a defesa de uma tese. Como ilustração disso, a Cartilha do Participante apresenta esse “esquema”.

Figura 1 -Tipo textual na Cartilha do Participante ENEM



Fonte: Cartilha do Participante ENEM (BRASIL, 2022, p. 9).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

Esse tipo de material didático-pedagógico ajuda a orientar o processo de escrita na direção do que é esperado pelos corretores. Como prova disso, as redações nota mil são estruturadas em 4 parágrafos, sendo um para introdução (lugar da contextualização do tema e propositura da tese), dois para o desenvolvimento (lugar da apresentação dos argumentos e suas estratégias de comprovação) e um para a conclusão (lugar da elaboração da proposta de intervenção). Isso pode ser demonstrado a partir da redação abaixo, considerada nota mil no ENEM 2022, cujo tema foi "Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil":

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

O poeta modernista Oswald de Andrade relata, em "Erro de Português", que, sob um dia de chuva, o índio foi vestido pelo português - uma denúncia à aculturação sofrida pelos povos indígenas com a chegada dos europeus ao território brasileiro. Paralelamente, no Brasil atual, há a manutenção de práticas prejudiciais não só aos silvícolas, mas também aos demais povos e comunidades tradicionais, como os pescadores. Com efeito, atuam como desafios para a valorização desses grupos a educação deficiente acerca do tema e a ausência do desenvolvimento sustentável.

Diante desse cenário, existe a falta da promoção de um ensino eficiente sobre as populações tradicionais. Sob esse viés, as escolas, ao abordarem tais povos por meio de um ponto de vista histórico eurocêntrico, enraízam no imaginário estudantil a imagem de aborígenes cujas vivências são marcadas pela defasagem tecnológica. A exemplo disso, há o senso comum de que os indígenas são selvagens, alheios aos benefícios do mundo moderno, o que, consequentemente, gera um preconceito, manifestado em indagações como "o índio tem 'smartphone' e está lutando pela demarcação de terras?" – ideia essa que deslegitima a luta dos silvícolas. Entretanto, de acordo com a Teoria do Indigenato, defendida pelo ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, o direito dos povos tradicionais à terra é inato, sendo anterior, até, à criação do Estado brasileiro. Dessa forma, por não ensinarem tal visão, os colégios fometam a desvalorização das comunidades tradicionais, mediante o desenvolvimento de um pensamento discriminatório nos alunos.

Além disso, outro desafio para o reconhecimento desses indivíduos é a carência do progresso sustentável. Nesse contexto, as entidades mercadológicas que atuam nas áreas ocupadas pelas populações tradicionais não necessariamente se preocupam com a sua preservação, comportamento no qual se valoriza o lucro em detrimento da harmonia entre a natureza e as comunidades em questão. À luz disso, há o exemplo do que ocorre aos pescadores, cujos rios são contaminados devido ao garimpo ilegal, extremamente comum na Região Amazônica. Por conseguinte, o povo que sobrevive a partir dessa atividade é prejudicado pelo que a Biologia chama de magnificação trófica, quando metais pesados acumulam-se nos animais de uma cadeia alimentar – provocando a morte de peixes e a infecção de humanos por mercúrio. Assim, as indústrias que usam os recursos naturais de forma irresponsável não promovem o desenvolvimento sustentável e agem de maneira nociva às sociedades tradicionais.

Portanto, é essencial que o governo mitigue os desafios supracitados. Para isso, o Ministério da Educação – órgão responsável pelo estabelecimento da grade curricular das escolas – deve educar os alunos a respeito dos empecilhos à preservação dos indígenas, por meio da inserção da matéria "Estudos Indigenistas" no ensino básico, a fim de explicar o contexto dos silvícolas e desconstruir o preconceito. Ademais, o Ministério do Desenvolvimento – pasta instituidora da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – precisa fiscalizar as atividades econômicas danosas às sociedades vulneráveis, visando à valorização de tais pessoas, mediante canais de denúncias.

Disponível em https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/04/10/enem-2022-leia-redacoes-nota-mil.ghtml

Observam-se as três partes componentes do texto dissertativo-argumentativo, organizadas estruturalmente em quatro parágrafos. Além disso, como parte do processo de contextualização do tema, o autor recorre a um repertório sociocultural vinculada à área artística (literatura), ao trazer o poema modernista "Erro de Português", de Oswald de Andrade, conseguindo mobilizar esse saber para defender a tese de que os povos tradicionais foram "vestidos"

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

pelo colonizador, resultando em um processo de aculturação que se perpetua até os dias atuais. Outro repertório mobilizado no intento da defesa de sua opinião foi a referência à “Teoria do Indigenato”, proposta pelo então Ministro Edson Fachin, do STF, demonstrando que o autor consegue significar os elementos do tema a partir de sua constituição enquanto sujeito pertencente a um contexto histórico material. Por último uso do repertório, ele faz recorrência à área da biologia, ao trazer o conceito de “magnificação trófica”, espécie de contaminação por metais pesados, prejudicando a sobrevivência dos povos que dependem dos recursos naturais para existirem.

Percebe-se que o autor desse texto conseguiu usar seus recursos linguísticos para pensar o texto em atendimento ao sistema de correção. Ademais, conseguiu relacionar e interpretar saberes apreendidos ao longo de sua formação propedêutica (escolar e cognitiva) para argumentar em fazer de sua tese. A um só tempo, organizou o que dizer (campo do significado) e como dizer (campo da sintagmatização). Em síntese, um sujeito que escreve para um tu que corrige sobre um ele, que é o tema proposto, mediados pelo mundo.

3.1 MOBILIZAÇÃO DE REPERTÓRIO NA INTRODUÇÃO

Como os estudantes, previamente, são orientados da necessidade de utilizar o repertório sociocultural, como exigência da avaliação do ENEM, uma recorrência muito comum é fazê-lo na introdução, pois marca-se a presença dessa “pessoa” (sujeito) que significa a realidade ao seu redor. Por exemplo,a construção da seção introdução pode ser mapeada, observando as seguintes estratégias: a referência ao repertório sociocultural (funcionando como um estabelecimento do território – contextualização da temática); a conexão entre essa informação e os elementos da temática (funcionando como um estabelecimento do nicho); e, finalmente, o encerramento da introdução, em que se pode apresentar o projeto de texto a ser desenvolvido (funcionando comoa ocupação do nicho – indicar a estrutura da redação). A seguir, um modelo autoral que pode servir de instrumento de análise:

Quadro 1 – Movimento Retórico na Introdução

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

Movimento Contextualização da temática
Passo 1: abertura por referência a um repertório sociocultural (legitimação)
Passo 2: relação de sentido entre o repertório e a temática (pertinência)
Passo 3: posicionamento e possível antecipação de intervenção ou apresentação de projeto de texto

Fonte: próprios pesquisadores

Os trechos a seguir foram coletados da edição 2018, que apresentou redações produzidas e corrigidas na edição 2017, cujo tema foi “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”.

INTRODUÇÃO 1 – JOÃO PEDRO FIDELIS BELLUZO

> Na antiga pólis de Esparta, havia a prática da eugenia, ou seja, a segregação dos denominados “imperfeitos”, como, por exemplo, os deficientes. Passados 2000 anos, o preconceito contra esse grupo ainda prevalece socialmente e afeta, principalmente, a área da educação. Nesse contexto, os surdos são grandes vítimas da exclusão no processo de formação educacional, o que traz desafios e a busca por autonomia e pela participação de pessoas com essa deficiência no espaço escolar brasileiro (BRASIL, 2018, p.37).

Nessa introdução, a abertura se dá pelo uso da estratégia de alusão histórica (repertório sociocultural pertencente à História). Ou seja, o candidato faz um mergulho no passado da civilização grega, apresentando como, na cultura espartana, os deficientes eram segregados. Em seguida, como estratégia de relação de sentido entre o repertório aludido e a temática proposta, o candidato conecta a informação aludida à abordagem do tema, mostrando uma relação de equivalência entre os deficientes espartanos e os surdos na sociedade brasileira atual. Por fim, como fechamento do movimento, há uma tomada de posição diante do tema (“os surdos são grandes vítimas da exclusão no processo de formação educacional, o que traz desafios”), apontando, implicitamente, para uma reflexão sobre os desafios dessas pessoas no cenário educacional brasileiro. Como se percebe, o movimento da introdução se deu com os três passos.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

INTRODUÇÃO 2 - MARIA JULIANA BEZERRA COSTA

> Em razão de seu caráter excessivamente militarizado, a sociedade que constituía a cidade de Esparta, na Grécia Antiga, mostrou-se extremamente intolerante com deficiências corpóreas ao longo da história, tornando constante inclusive o assassinato de bebês que as apresentassem, por exemplo. Passados mais de dois mil anos dessa prática tenebrosa, ainda é deploravelmente perceptível, sobretudo em países subdesenvolvidos como o Brasil, a existência de atos preconceituosos perpetrados contra essa parcela da sociedade, que são o motivo primordial para que se perpetue como difícil a escolarização plena de deficientes auditivos. Esse panorama nofasto suscita ações mais efetivas tanto do Poder Público quanto de instituições formadoras de opinião, com o escopo de mitigar os diversos empecilhos postos frente à educação dessa parcela social (BRASIL, 2018, p.45).

Curiosamente, essa introdução recorre à mesma estratégia do candidato anterior, evidenciando que “o estoque de conhecimento” dos candidatos, em dados momentos, parece limitar-se a casos mais evidentes, o que não desmerece a estratégia argumentativa; apenas evidencia o fenômeno da recorrência. No primeiro passo, tem-se a alusão história (Esparta – Grécia). No segundo passo, a relação de sentido com a temática (pertinência). Como último passo, a tomada de posição e, nesse caso, uma sinalização para uma ação interventiva (“suscita ações mais efetivas tanto do Poder Público quanto de instituições formadoras de opinião, com o escopo de mitigar os diversos empecilhos postos frente à educação dessa parcela social”).

De modo a sintetizar os passos dados nessas duas introduções, pode-se observar o seguinte: **PASSO 1 (Alusão ao Repertório) → PASSO 2 (Pertinência) → PASSO 3 (Posicionamento)**.

Os trechos a seguir foram coletados da edição 2019, que apresentou redações produzidas e corrigidas na edição 2018, cujo tema foi “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet”.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

INTRODUÇÃO 3 - LUISA SOUSA LIMA LEITE

> A Revolução Técnico-científico-informacional, iniciada na segunda metade do século XX, inaugurou inúmeros avanços no setor de informática e telecomunicações. Embora esse movimento de modernização tecnológica tenha sido fundamental para democratizar o acesso a ferramentas digitais e a participação nas redes sociais, tal processo foi acompanhado pela invasão da privacidade de usuários, em virtude do controle de dados efetuado por empresas de tecnologia. Tendo em vista que o uso de informações privadas de internautas pode induzi-los a adotar comportamentos intolerantes ou a aderir a posições políticas, é imprescindível buscar alternativas que inibam essa manipulação comportamental no Brasil (BRASIL, 2019, p.35).

Essa introdução inicia com uma referência a um fato histórico de relevância mundial: a Revolução Técnico-científico-informacional (contempla a área do conhecimento histórico, logo, legitimado). Esse foi o primeiro passo no movimento introdução. No segundo passo, a relação de sentido (pertinência) se dá por uma relação semântica concessiva (“embora”), funcionando como estratégia de problematização. Nesse passo, a relação de sentido se deu por um processo de problematização do argumento apresentado. Por último, como passo 3, tem-se a tomada de posição: “é imprescindível buscar alternativas que inibam essa manipulação comportamental no Brasil.”

INTRODUÇÃO 4 - JULIA PAULA CELEM

> Sob a perspectiva de uma revolução Tecno-Científico-Informacional, vive-se o auge da evolução humana em sua relação com a tecnologia, em que se destaca a ascensão do papel da internet no cotidiano social. Entretanto, tal avanço não é apenas benéfico, de modo que a popularidade existente no uso das redes virtuais possibilitou seu aproveitamento malicioso para que ela atue como um meio influenciador de comportamentos. Nesse contexto, configura-se um quadro alarmante correlacionado ao potencial de manipulação do usuário por meio do controle dos dados expostos a ele, o que decorre de interesses organizacionais e gera um processo de alienação social (BRASIL, 2019, p.37).

Mais uma vez, uma coincidência quanto ao uso do repertório: a Revolução Técnico-científico-informacional. Como dito anteriormente, isso em nada invalida a estratégia argumentativa; evidencia um fenômeno comum na produção de textos para o ENEM, a saber, a presença de repertórios considerados

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

estratégicos e adaptáveis aos mais diversos temas, desde que, para tal, o estudante saiba interpretar para esse fim. Outra curiosidade é o passo 2 do movimento: semelhante à introdução anterior, a estratégia foi por problematizar como o uso do argumento de oposição ("entretanto"), possibilitando o desenvolvimento da temática por apresentar uma "contra argumentação". Por fim, o passo 3 com a tomada de posição (viés opinativo): "configura-se um quadro alarmante correlacionado ao potencial de manipulação do usuário por meio do controle dos dados expostos a ele, o que decorre de interesses organizacionais e gera um processo de alienação social."

De modo a sintetizar os passos dados nessas duas introduções, pode-se observar o seguinte: **PASSO 1 (Alusão ao Repertório) → PASSO 2 (Pertinência por contraste) → PASSO 3 (Posicionamento)**.

Os trechos a seguir foram coletados da edição 2020, que apresentou redações produzidas e corrigidas na edição 2019, cujo tema foi "Democratização do acesso ao cinema no Brasil".

INTRODUÇÃO 5 - MARIA ANTÔNIA DE LIMA BARRA

> O filme "Bastardos inglórios", ao contextualizar cenas em meados do século XX, retrata o caráter elitista das exibições de cinema, uma vez que eram feitas em espaços de socialização das classes ricas da época. Na contemporaneidade, embora seja mais amplo, ainda há entraves a serem superados quanto à democratização do acesso às salas cinematográficas (e seus conteúdos) no Brasil. Nesse sentido, os resquícios de uma herança segregacionista no que diz respeito à frequência de locais de cinema geram a dificuldade em manter esse hábito em parte da população, o que perpetua a problemática (BRASIL, 2020, p.35).

Nessa introdução, como passo 1, há a alusão fílmica, contemplando a área do conhecimento artístico. No passo 2, tem-se a relação de sentido com a temática, evidenciando "entraves" à democratização do acesso ao cinema no Brasil. Por fim, de modo implícito, como passo 3, uma constatação: "os resquícios de uma herança segregacionista no que diz respeito à frequência de locais de cinema geram a dificuldade em manter esse hábito em parte da população, o que perpetua a problemática". Nesse passo, não fica claro o

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

posicionamento; há apenas uma constatação e não uma tomada de posição. Na produção redacional, é comum se dizer que a introdução é o único parágrafo que pode ser expositivo (dissertativo). A prova é tanta que essa redação atingiu a nota máxima. Mas é oportuno dizer que, em razão da natureza opinativa (argumentativa), a redação do ENEM exige a presença do ponto de vista (tese), conforme sugere o "esquema" sobre as partes constitutivas do texto apresentadas nas Cartilhas.

INTRODUÇÃO 6 - GABRIEL MERLI

> Na obra "A Invenção de Hugo Cabret", é narrada a relação entre um dos pais do cinema, Georges Mélies, e um menino órfão, Hugo Cabret. A ficção, inspirada na realidade do começo do século XX, tem como um de seus pontos centrais o lazer proporcionado pelo cinema, que encanta o garoto. No contexto brasileiro atual, o acesso a essa forma de arte não é democratizado, o que prejudica a disponibilidade de formas de lazer à população. Esse problema advém da centralização das salas exibidoras em zonas metropolitanas e do alto custo das sessões para as classes de menor renda (BRASIL, 2020, p.39).

Mais uma vez, um exemplar de introdução que faz alusão fílmica, o que vem se tornando bastante comum nas redações do ENEM, evidenciando uma prototipicidade, ou seja, uma recorrência. No passo 2, apresenta-se a relação de sentido entre o repertório e a temática abordada, constatando-se que não há a democratização do cinema na sociedade brasileira atual. Por último, como passo 3, ao invés do posicionamento, houve a constatação factual: "Esse problema advém da centralização das salas exibidoras em zonas metropolitanas e do alto custo das sessões para as classes de menor renda". Não deixa claro, portanto, qual a tese defendida, assemelhando-se ao texto 5.

INTRODUÇÃO 7 - ISABELLA DE OLIVEIRA CARDOSO

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

> De modo ficcional, o filme “Cine Holiúdi” retrata o impacto positivo do cinema no cotidiano das cidades, dada a sua capacidade de promover o lazer, socialização e cultura. Entretanto, na realidade, tais benefícios não atingem toda a população brasileira, haja vista a elitização dos meios cinematográficos e a falta de infraestrutura adequada nos cinemas existentes. Sendo assim, urge a análise e a resolução desses entraves para democratizar o acesso ao cinema no Brasil (BRASIL, 2020, p.45).

Mais uma introdução que segue na linha de fazer alusão fílmica, como passo 1. No passo 2, tem-se a estratégia de problematização por contraste (“entretanto”), corroborando para a relação de sentido entre o repertório citado e a temática da democratização do acesso ao cinema. No passo 3, há uma tomada de posição (“urge a análise”), além sugerir, implicitamente, a intervenção (“resolução desses entraves”). Embora simples em sua extensão, essa introdução deixa bem claros os passos estratégicos utilizados pelo candidato, e, como se evidencia, há uma recorrência nessas estratégias retóricas.

De modo a sintetizar os passos dados nessas duas introduções, pode-se observar o seguinte: **PASSO 1 (Alusão ao Repertório Fílmico) → PASSO 2 (Pertinência por contraste) → PASSO 3 (Posicionamento / intervenção)**.

Os trechos a seguir foram coletados da edição 2022, que apresentou redações produzidas e corrigidas na edição 2021, cujo tema foi “Invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil”.

INTRODUÇÃO 8 - ALICE SOUZA MOREIRA

> A Constituição Federal, promulgada em 1988, foi esboçada com o objetivo de delinear direitos básicos para todos os cidadãos. Entretanto, tal teoria não tem sido vista em metodologias práticas, uma vez que ainda há a falta do registro civil de milhares de pessoas, impedindo-as de garantir o acesso à cidadania no Brasil, o que gera a invisibilidade social. Tal invisibilidade provoca inúmeras chagas, como a precarização do trabalho e a exclusão democrática (BRASIL, 2022, p.37).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

Essa introdução traz um repertório bastante utilizado pelos estudantes do ENEM: A Constituição Federal de 1988. Geralmente, a construção do raciocínio se dá da seguinte forma: a citação a algum direito constitucional; por contraste, a problematização de que tal direito ou tal prerrogativa legal não é efetivada, na prática; isso exige uma mudança (intervenção). Nesse caso, é exatamente isso que ocorre na introdução em análise. O primeiro passo do movimento é a alusão à lei. Para problematizar isso, o passo 2 faz uma relação de sentido por contraste, o que ajuda a desenvolver a argumentação. Por fim, o passo 3, em que há uma constatação acerca da invisibilidade e há um posicionamento opinativo (juízo de valor), com o uso da expressão "chaga", além de trazer efeitos dessa invisibilidade: "a precarização do trabalho e a exclusão democrática".

INTRODUÇÃO 9 - GIOVANNA DA SILVA GAMBA DIAS

> Em sua obra "Os Retirantes", o artista expressionista Cândido Portinari faz uma denúncia à condição de desigualdade compartilhada por milhões de brasileiros, os quais, vulneráveis socioeconomicamente, são invisibilizados enquanto cidadãos. A crítica de Portinari continua válida nos dias atuais, mesmo décadas após a pintura ter sido feita, como se pode notar a partir do alto índice de brasileiros que não possuem registro civil de nascimento, fator que os invisibiliza. Com base nesse viés, é fundamental discutir a principal razão para a posse do documento promover a cidadania, bem como o principal entrave que impede que tantas pessoas não se registrem (BRASIL, 2022, p.33).

Nessa introdução, como passo 1, confirmando a recorrência dessa estratégia em redação do ENEM, o candidato faz uso da alusão artística ("Os retirantes"), contemplando a legitimação como exigência para a avaliação do uso do repertório sociocultural. Como passo 2, há uma estratégia argumentativa que evidencia a permanência da desigualdade apresentada por Portinari em sua obra, atingindo a pertinência do repertório à temática. Como passo 3, há a apresentação da síntese dos argumentos a serem apresentados, evidenciando o projeto de texto, demonstrando capacidade de organizar os argumentos de modo lógico e progressivo. Esse é um exemplo de introdução bastante eficiente como estratégia de escrita e de persuasão: primeiro, por fazer alusão a uma obra nacional; segundo, pela construção lógica de sentido por continuidade (o que a

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

obra apresente continua na realidade); por último, por apresentar a síntese dos argumentos que serão desenvolvidos.

INTRODUÇÃO 10 - FERNANDA KAROLINNE QUARESMA NUNES

> Em "Vidas secas", obra literária do modernista Graciliano Ramos, Fabiano e sua família vivem uma situação degradante marcada pela miséria. Na trama, os filhos do protagonista não recebem nomes, sendo chamados apenas como o "mais velho" e o "mais novo", recurso usado pelo autor para evidenciar a desumanização do indivíduo. Ao sair da ficção, sem desconsiderar o contexto histórico da obra, nota-se que a problemática apresentada ainda percorre a atualidade: a não garantia de cidadania pela invisibilidade da falta de registro civil. A partir desse contexto, não se pode hesitar – é imprescindível compreender os impactos gerados pela falta de identificação oficial da população (BRASIL, 2022, p.35).

Fechando a análise, a redação da pernambucana Fernanda Karolinne. Como parte do movimento da introdução, o passo 1 traz a alusão artística a uma obra literária: "Vidas Secas". Como estratégia de desenvolvimento do raciocínio, apresenta uma sinopse da obra, selecionando o aspecto de desumanização (não-nominação) dos filhos do protagonista Fabiano. Como passo 2, sinalizado pela expressão "ao sair da ficção", constrói-se a relação de sentido (pertinência): "a problemática apresentada ainda percorre a atualidade: a não garantia de cidadania pela invisibilidade da falta de registro civil". Por fim, de forma explícita, há a tomada de posição: "é imprescindível compreender os impactos gerados pela falta de identificação oficial da população". Tal introdução atende à recorrência de um modo de escrever, já consagrado pelo uso: a introdução se compõe de 3 passos que permitem a realização do movimento retórico.

Pode-se concluir que as 10 introduções analisadas apresentaram uma prototipicidade (modelo), que evidencia o fenômeno do meta-gênero das redações nota mil: ou seja, redações nota mil servem de parâmetro (meta-referenciação) aos demais textos, auxiliando no processo de apreensão (uptake).

É oportuno, por fim, destacar o conceito de "voz", presente em todas as introduções analisadas apoiando-se nos estudos de Ivanic (1998) e de Castelló (2011), uma vez que, nos movimentos retóricos materializados na escrita, há a um só tempo, um dizer singular (próprio do sujeito), um dizer socialmente

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

construído (formação discursiva) e um dizer que dialogo com outros dizeres (interação social). Assim, no processo de escrita não há só uma voz pessoal, mas uma voz que interage com outras vozes, já que, ao orientar a escrita para o outro constituído, busca-se uma conexão, uma interação, uma socialização. Isso pode ser entendido nessa perspectiva: “os argumentos que fazemos, as posições que tomamos e as formas de nos conectarmos e nos encaixarmos com os outros, todos contribuem para a apresentação de nós mesmos e assim influenciam como os outros nos respondem” (Hyland, 2012, p. 135).

Pensar em uma voz autoral, presente em cada produção textual, ajuda a entender como cada sujeito se posiciona e interage, assumindo propósitos comunicativos. Como se verificou, das 10 introduções analisadas, 5 fizeram uso da alusão artítica (um saber artístico socialmente construído), 4 fizeram uso da alusão histórica (um saber histórico socialmente construído), e 1 fez uso da alusão jurídica (um saber jurídico socialmente construído). Fica evidente, portanto, que cada locutor organiza seu dizer de modo muito particular e único. Ainda que haja um modelo a seguir, ainda que haja estratégias semelhantes, o enunciado (redação) materializa-se único, confirmando que a enunciação é um ato individual de apropriação do sistema linguístico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, foram apresentados conceitos vinculados à Teoria da Enunciação do linguista Benveniste, como horizonte de análise das redações nota mil do ENEM (edições mais recentes), seja com foco na redação completa (Redação ENEM 2022, analisada acima), seja há seção da introdução, momento do texto no qual, como primeiro contato com o “tu” corretor, o “eu” enunciador marca sua posição e seu lugar como sujeito construtor de sentido que se dirige a um tu, também construtor de sentido. A redação, assim, se materializa como um espaço de interação entre estas subjetividades, tendo a língua como sistema comum e a linguagem como dimensão humana, na socialização.

Por meio dessa análise, foi possível compreender como o sujeito se constitui nesse “fazimento de si”, tendo a subjetividade e a significação como fundamentais a esse processo de ser e de existir e de se constituir como ser da linguagem, pela linguagem, com a linguagem e na linguagem. Verificou-se

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

também que o uso do repertório sociocultural se dá como parte de práticas de letramento vinculadas a uma sociedade que tem a escrita como elemento de socialização, de interação e de comunicação.

Pensando assim, os textos dos estudantes da Educação Básica produzidos por ocasião do ENEM oferecem um *corpus* muito interessante de análise linguística, focada nos estudos de Benveniste. Nesse sentido, a escrita deve ser pensada como uma condição fulcral da enunciação escrita, tendo o sujeito como produzir de sentido e como aquele que se apropria da língua para se constituir como "sujeito" do dizer.

REFERÊNCIAS

BARBISAN, Leci Borges. **O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot**. Programa de Pós Graduação em Letras – PPGl/UFSM. letras n° 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos, 2007. Disponível em https://periodicos.ufsm.br/letras/article/download/11921/7342. Acesso em 30 jul, 2023.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. *In:* BARTHES, Roland. *O rumo da língua*. Lisboa,Portugal: Edições 70, 1984.

BAZERMAN, C. **Retórica da ação letrada.** São Paulo: Parábola, 2015.

BHATIA, V. K. **The Power and Politics of Genre**. World Englishes, v. 16, n. 3, p.359-371, Nov. 1997. Disponível em: <http://www.lingue.uniba.it/dag/pagine/personale/falco/materiale%20didattico% 202007- 08/Bhatia_power_politics_genre.pdf>. Acesso em: 4 maio 2011.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1988

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística Geral I**. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Módulo 4 – competência II**. Brasília, DF: INEP, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). A redação no Enem 2022: cartilha do participante. Brasília, DF: INEP, 2022.

DEVITT, A. **Teaching Critical Genre Awareness**. In: BAZERMAN, C; BONINI, A; FIGUEIREDO, D. (Orgs.). Genre in a changing world. The WAC Clearinghouse. Fort Collins, Colorado: Parlor Press, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. **O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação**. Letras de Hoje. v. 50, n. 5, p. 90-95, 2016. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/23144. Acesso em: 14 jul. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Portugal: Veja/Passagens, 2002.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: LPM, 2016.

HYLAND, K. ***Metadiscourse:*** exploring interaction in writing. Londres: Continuum, 2005.

KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento***:* uma nova perspectiva sobre a práticasocial da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. tradução de Carlos Irineu da Costa.— São Paulo: Ed. 34, 1999 264 p. (Coleção TRANS)

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). Gêneros textuais reflexõese ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MATA, A. L. N. **Originalidade e consciência de escrita: indícios de autoria na argumentaçãoem textos escolares**. *In:* GARCEZ, L. H. C, CORRÊA, V. R. (org.). *Textos dissertativo- argumentativos:* subsídios para qualificação de avaliadores. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017. p.95-99.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 22/05/2026 - **Accepted:** 24/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/z4n65476
Pages: 1-30

MILLER, Carolyn R. 1994 (1984) Genre as Social Action. In: FREEDMAN, AVIVA & MEDWAY, Peter. **Genre and the new rethoric**. UK/USA: Taylor & Francis Publishers, p. 23- 42.

MILLER, Carolyn R.; DIONISIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith. (org.). **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola, 2012.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **"Então eu posso dizer 'eu na redação": da subjetividade na linguagem à autoria na argumentação escrita**. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 13, jan/jun.2017. Disponível em http://dx.doi.org/10.17648/eidea-13-1387 Acesso em: 14 jul. 2023.

PARREIRA, M.S. **Autoria em redações do Enem e enunciação escrita: uma possível conjugação a partir da perspectiva de Benveniste**. In: AGUSTINI, C., and ERNESTO, B., eds. *Incursões na escrita acadêmico-universitária*: letramento, discurso, enunciação [online].Uberlândia: EDUFU, 2017, pp. 153-171. ISBN: 978-65-86084-26-9. Disponível em https://doi.org/10.7476/9786586084269.0010. Acesso em 16 jul, 2023.

POSSENTI, S. **Indícios de autoria**. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, SC, v. 20, n. 01, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. **O conceito de linguagem em Benveniste**. *Mediação*, Pires do Rio - GO, v. 10, n. 1, p.74-85, jan.- dez. 2015. Disponível em https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/4096/3091. Acesso em 31 jul. 2023. Acesso em: 6 jul. 2023.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2010.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

SWALES, J. **Genre analysis:** English in academic and research settings. Cambridge:Cambridge University Press, 1990.